

Educação e formação política: um estudo histórico e institucional da Fundação Nativo da Natividade

Carlos Bauer*

Resumo

O ensaio apresenta alguns aspectos e princípios norteadores dos sistemas de cursos de formação política desenvolvidos pelas classes trabalhadoras, desde 1988 até o final da segunda metade da década de 1990, através da Fundação Nativo da Natividade (FNN). Suas bases metodológicas se baseavam no método dialético, no emprego de uma sistematização da formação ideológica, estabelecimento de princípios de um novo comportamento político, no estímulo ao espírito crítico e à criatividade, na responsabilidade de cada um para com a sua própria formação e para com a formação de outros companheiros e no compromisso com a ação concreta de transformação social. Destaca a importância e a necessidade da educação política dos trabalhadores, reconhecendo que ela não deve se reduzir aos conhecimentos técnicos e imediatos, mas que possa possibilitar a elevação de sua consciência na disputa da hegemonia social.

Palavras-chave: Fundação Nativo da Natividade (FNN); formação política; classes trabalhadoras; hegemonia social.

Education and political training: a historical and institutional study on the *Fundação Nativo da Natividade*

Abstract

The essay presents some aspects and guiding principles of systems of political training courses developed by the working classes, since 1988 until the end of the second half of the 1990s, through the *Fundação Nativo da Natividade* - FNN. Methodological grounds were based on the dialectical method, the employment of a systematized ideological formation, the establishment of new principles of political behavior, the stimulus to critical thinking and creativity, the responsibility of every one with their own training and with the formation of other partners and the commitment to concrete action for social transformation. It highlights the importance and necessity of political education for workers, recognizing that it must not be reduced to technical and immediate expertise, but also allow the growth of their awareness of social hegemony in the dispute.

Keywords: Fundação Nativo da Natividade (FNN); Political training; Working classes; Social hegemony.

* Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – PPGE/Uninove, São Paulo, Brasil.

Carlos Bauer

Introdução

O objetivo do presente ensaio não é fazer uma análise detalhada da trajetória da Fundação Nativo da Natividade (FNN), mas apresentar alguns dos seus princípios e aspectos norteadores de sua atuação no campo da formação sindical e política, possibilitando-nos, assim, situar a sua importância na história dos trabalhadores em sua incansável luta pela afirmação dos seus direitos sociais e projetos societários.

Por conta disso, apresentaremos os seus pressupostos políticos e ideológicos, as bases do projeto pedagógico, a metodologia utilizada na formação do militante político e os sistemas de cursos da FNN como expressão de um período marcado por grandes mobilizações dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, uma exceção de características formativas e pedagógicas, naqueles conturbados dias da segunda metade da década de 1980.

As bases teóricas e documentais utilizadas na construção deste trabalho são as obras, entre outros, de Antonio Gramsci (1995), Dermeval Saviani (2005), Eduardo Tadeu Pereira (2006) e conversas informais realizadas com alguns dos idealizadores, como foi o caso de Sebastião Neto, Eduardo Tadeu Pereira e Vito Giannotti, que nos possibilitaram tecer esses comentários sobre a Fundação Nativo da Natividade (FNN).

Pressupostos políticos e ideológicos da Fundação Nativo Natividade (FNN)

No universo das relações educativas, as tarefas que nos colocamos são múltiplas e, entre elas, refletir sobre determinadas experiências do passado e, ao mesmo tempo, teorizar e refletir sobre as práticas e possibilidades do presente, sobre os caminhos e possibilidades que estão colocados diante dos educadores comprometidos com a transformação social, transforma-se num imperativo. Não estamos dizendo que esta relação entre o exame do passado e a análise do presente deve ser mantida como uma vacina contra os erros que foram cometidos ou uma forma de enaltecer e repetir os acertos que por ventura também devem ter ocorrido, mas como um exercício crítico-reflexivo que jamais deveria ser desprezado ao longo de nossa trajetória.

A educação é um fenômeno dinâmico e sempre presente nas atividades sociais e, muitas vezes, associado à busca de fórmulas de emancipação social e ao desafio de se construir outros modelos sociais. Há, na construção de objetivos como esses, não apenas a posituação da educação como um instrumento de libertação, mas uma vontade de transformá-la em crítica ao autoritarismo e a opressão que se estabelece ao homem sob a face do capital. Em suma, pensá-la como uma arma crítica da luta pela superação das contradições sociais, econômicas, políticas e culturais que nos são impostas no interior da sociedade dividida em classes que o capitalismo produz.

Claro que isso, entre outras coisas, nos obrigaria a pensar dialeticamente a história da educação até a contemporaneidade da qual fazemos parte, aliás, como o historiador Aníbal Ponce (1981) já o fez muito bem, mostrando-nos como a educação, porquanto um fenômeno social e vinculado à superestrutura, somente poderia ser compreendido através da análise socioeconômica da sociedade que a mantém. O próprio Ponce, ao evidenciar o princípio dialético da relação entre a consciência e a estrutura econômica, nos mostra como a luta pelo direito à educação e à cultura acompanhou e continua acompanhando a luta pelos demais direitos, ou seja, significando dizer que a educação não está separada da luta de classes.

A própria vigência histórica dessa temática e as tentativas ideológicas e idealistas de suprimi-la dos debates educacionais nos convidaria a sistematizar o pensamento de Marx, Engels e Gramsci sobre as questões educacionais, como o fizeram Mario Alighiero Manacorda (1990) e, entre nós, José Claudinei Lombardi (1993), o que obviamente não poderia ser feito aqui.

O nosso objetivo é infinitamente mais modesto, pois se trata de recuperar um instante das experiências educacionais e formativas produzidas pelos próprios trabalhadores e procurar situar os seus objetivos e princípios de formação política e sindical como parte da história da educação que se produz em nosso país.

Numa conjuntura marcada pela intensa presença das lutas populares e movimentos sociais, um conjunto de militantes políticos de esquerda chegou à conclusão de que as necessidades de formação política se faziam sentir amplamente e pelos mais variados motivos.

Para esses ativistas, vivíamos um período no qual a centralidade das ações dos militantes deveria ser o trabalho de organização, isso porque, depois de um sem número de lutas desencadeadas, principalmente, a partir de 1978, havia muito trabalho a ser realizado, tratava-se substancialmente da construção e reconstrução das instâncias e entidades dos movimentos operário, populares e sociais que haviam sido desmanteladas durante a ditadura militar.

Lembre-se, a esse propósito, que naquele período havia a proliferação das oposições sindicais, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Partido dos Trabalhadores (PT) e outros organismos do movimento social, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), pois era a expressão mais forte dessa dinâmica que, gradativamente, trazia os trabalhadores, do campo e da cidade, para o centro da cena política nacional.

No bojo dessa dinâmica foram envolvidas as militâncias de base, lideranças intermediárias e dirigentes, políticos e sindicais, com maior experiência e capacidade de elaboração. No período imediatamente anterior, a formação política se dava basicamente na luta. Era nesse cenário de enfrentamentos e

Carlos Bauer

organização de ações práticas que se encontravam os militantes mais experientes com os trabalhadores que despontavam dos movimentos e, no calor da hora, trocavam experiências.

Durante muitos anos, esse processo se sobrepôs a um trabalho de formação mais sistemático que acabou se revelando como uma tarefa inadiável para o avanço da luta, pelo menos, na opinião daqueles que iriam constituir o núcleo dirigente da FNN.

Sim, porque, se de início, os trabalhadores enfrentavam uma burguesia relativamente despreparada e desacostumada com as greves e ocupações e os outros movimentos de massa, não havia dúvidas, porém, que o patronato e seus representantes passaram por um processo de “aprendizagem” e “reciclagem” que acabaria por lançar a luta política a um estágio de maior complexidade, desde os enfrentamentos mais gerais até os específicos, dentro de cada posse urbana ou rural, de cada bairro, de cada fábrica.

Neste quadro, facilmente se verificava não ser mais possível a uma diminuta parcela de assessores ou dirigentes, por mais experimentados que fossem, dar conta das demandas colocadas, num momento histórico que parecia exigir milhares de trabalhadores com uma avaliação crítica da realidade e com capacidade política e organizativa.

Também vale lembrar que, se por um lado, a porta de entrada de milhões de trabalhadores nos movimentos sociais organizados foi a perspectiva econômica, ou seja, a luta por melhores salários e melhores condições de vida e de trabalho, por outro lado, era inegável que uma parte expressiva destes, mesmo que de forma empírica e embrionária, avançava politicamente e, naquele momento, se colocava diante do problema da transformação social.

E esta transformação, principalmente num país com as características do Brasil, para os criadores da FNN, somente se efetivaria a partir de um amplo movimento de massas que exige uma grande quantidade de dirigentes políticos experimentados e capacitados.

Parecia que, em plena efervescência das lutas da década de 1980, boa parte dos ativistas tinha chegado à conclusão de que era impossível empreender uma formação abrangente e permanente sem criar uma sistemática e uma estrutura especificamente voltada para este fim. A questão da escola de formação estava colocada, portanto, para os movimentos sindical, popular e político das classes trabalhadoras no Brasil.

Dessa forma, naquele momento, várias concepções do processo educativo e vários modelos de escolas ou de sistemas de cursos se apresentavam ao debate. Algumas iniciativas nestas concepções foram sendo empreendidas com maiores ou menores dificuldades e seus resultados finais não poderiam ser analisados num trabalho como este.

É importante considerar que, para os membros da FNN, o número de iniciativas organizativas no campo da formação ainda estava bem longe de ser suficiente para atender a crescente demanda dos movimentos políticos e sociais. Inegavelmente, vivíamos um período em que a proliferação de experiências de formação políticas e ideológicas voltadas para a luta imediata e histórica dos trabalhadores constituía-se como um fator impulsionador da luta social.

Assim, para os membros da FNN organizarem uma escola ou um sistema de cursos de formação constituía uma atividade que pressupunha uma determinada matriz ideológica e que supunha um conjunto de bases políticas das quais derivaria uma série de práticas pedagógicas. Uma análise de fundamentos das diversas concepções de formação que teriam gerado as iniciativas de organização de escolas ou cursos, naquela oportunidade, seria capaz de revelar seus pressupostos ideológicos e suas bases políticas.

Nosso propósito aqui, entretanto, não poderia ser exatamente este, senão o de apontar o que, de acordo com nossos objetivos, julgamos ser possível admitir num esforço organizado e global de formação política e ideológica voltada para a transformação da sociedade brasileira numa sociedade socialista.

Sobre os pressupostos políticos e educacionais da FNN, tínhamos os seguintes princípios e características norteadoras de sua atuação:

- 1) um sistema de formação política e ideológica prioritariamente voltada para pessoas que participam da luta popular, na linha da independência de classe, sem distinções de tendências políticas, religiosas ou filosóficas;
- 2) uma concepção de formações política e ideológica orientada para a luta pela conquista da autonomia das organizações dos trabalhadores no processo de transformação revolucionária da sociedade brasileira numa sociedade socialista;
- 3) uma concepção pluralista e democrática de formação, em que os formandos tinham acesso às diversas visões existentes sobre todos os temas curriculares que seriam polêmicos dentro do campo de trabalho delimitado.

É evidente que essa visão pluralista e democrática que era requerida na implementação deste projeto exigiria a participação de pessoas com diversos pontos de vistas e que tal característica, no Brasil daqueles dias, o campo da independência de classe, anteriormente delimitado, coincidia precisamente com as áreas de militância e de influência política atingidas pelo PT e pela CUT.

Dessa forma, para os impulsionadores da FNN a criação de uma escola de formação com tais referências e a partir de uma visão pluralista e democrática poderia contribuir decisivamente para a criação de uma nova matriz ideológica.

Carlos Bauer

ológica – reforçando um novo tipo de cultura, de prática e de comportamento político, que estaria voltado para a construção das bases de uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Bases do projeto pedagógico da Fundação Nativo da Natividade (FNN)

Para os membros da FNN, o militante político era aquele que desenvolvia regularmente tarefas de intervenção no movimento social, de estruturação ou funcionamento orgânico, de formulação política ou elaboração teórica, ou, ainda, de formação política e ideológica tendo em vista a transformação social.

Com base nesses pressupostos, as bases ou fundamentos do projeto pedagógico da FNN eram os seguintes:

- I) na formação do militante político a pedagogia utilizada deveria articular dialeticamente a teoria com a prática;
- II) na formação do militante político a formação política teria que estar combinada com a formação ideológica;
- III) a formação política e ideológica do militante não se confundiria com doutrinação;
- IV) os militantes políticos se formariam na medida em que assumissem responsabilidades com a formação de outros militantes;
- V) a formação política teria que propiciar uma avaliação e reelaboração da prática política e, se partisse da experiência do formando, deveria qualificá-la na volta à ação concreta.

Falava-se ou se preconizava, portanto, a necessidade de uma pedagogia dialética. Para os membros da FNN, entedia-se a pedagogia dialética como aquela que se relacionava com o método que articulava a teoria com a prática, sem subordinação mecânica de um polo ao outro da articulação. A aplicação do chamado método dialético no processo de formação deveria levar em conta a natureza dinâmica da relação teoria-prática e a sua interdependência, não trabalhando com os preconceitos ideológicos das concepções vulgares ou doutrinárias do marxismo que pretendem atribuir à prática a capacidade de *comprovar* se uma teoria é *verdadeira* ou que afirmam que *todos os conhecimentos provêm da experiência direta*.

Outra preocupação dos membros da FNN dizia respeito à formação política e ideológica dos militantes. Para eles, não haveria ação transformadora possível sem um sistema ideológico de referência através do qual os indivíduos se reconheceriam como sujeitos que vivem determinadas situações, bem como reconheceriam a necessidade e a possibilidade de modificar essa situação. Para tanto, cumpriria um papel insubstituível na formação do militante político uma formação ideológica que levasse em conta não somente as idéias, mas também os hábitos e costumes, os comportamentos e sentimentos.

Assim, para os membros da FNN, os símbolos, músicas, histórias e outros componentes do nível ideológico criariam condições de animação sem as quais uma pessoa dificilmente seria compelida a engajar-se numa luta pela transformação da sociedade, quer dizer, dificilmente se tornaria um militante.

Para eles, também, parecia óbvio que não bastaria, puramente com base em referências ideológicas, reconhecer a situação de exploração e de opressão e dispor-se a modificá-la. Se, por um lado, argumentavam os membros da FNN, caberia à ideologia o papel de *motor* da ação, caberia, por outro lado, às teorias políticas, o papel de *guias* para a ação, devido ao conhecimento que podem proporcionar dos mecanismos e dos processos concretos de dominação de classe. Ou seja, em outras palavras: sem o conhecimento da realidade social qualquer ação impelida pela ideologia não poderia ter mesmo direção nem consequência.

Nesse sentido é que se colocava a necessidade de combinar, no processo de formação do militante, a formação política com a formação ideológica, tal qual preconizavam os membros da FNN, além do que, para eles, a mesma não deveria ter um caráter doutrinário.

Isso porque, segundo essas premissas, uma formação de caráter pluralista, crítica e criativa deveria recusar as visões únicas ou as verdades estabelecidas, questionando sempre as hipóteses que se justificam pela recorrência às instâncias absolutas e transcendentais, mas também aquelas que se baseavam na crença de uma ciência-verdade ou em argumentos de autoridade.

Na ótica da FNN todos os militantes poderiam contribuir ativamente no processo de formação para com os seus companheiros e que cada formando adquiriria mais responsabilidade para com a sua própria formação que se sentisse responsável pela formação de outros companheiros, estabelecendo-se, assim, o princípio da coformação.

Este princípio de *formar-se a si mesmo formando* relacionava-se intimamente com a ideia anteriormente apresentada que se referia à combinação da formação política com a ideológica, caracterizando e chamando, desta forma, de coformação ao processo que deveria integrar os alunos, os monitores e os orientadores, numa sequência de responsabilidades de formação capaz de estimular a criatividade e a cooperação, transformando-os em agentes e sujeitos da ação pedagógica.

A formação que almejavam alcançar era aquela que possibilitaria ações conscientes, partindo da experiência do formando de modo a qualificá-lo na volta à ação concreta, ou seja, tratava-se de uma formação para a transformação e não somente o conhecimento da realidade. Na ótica da FNN, ao terem acesso ao instrumental teórico e metodológico, os formandos transformariam a

Carlos Bauer

sua prática política ao mesmo tempo em que se qualificariam para realizar ações capazes de contribuir com o avanço da luta dos trabalhadores.

Metodologia da formação do militante político

Do que foi apresentado até o presente momento é possível se depreender uma metodologia de formação do militante político da Fundação Nativo da Natividade – FNN. Metodologia essa que se baseava no método dialético, no emprego de uma sistematização da formação ideológica, no estabelecimento de princípios de um novo comportamento político, no estímulo ao espírito crítico e à criatividade, na responsabilidade de cada um para com a sua própria formação e para com a formação de outros companheiros e no compromisso com a ação concreta de transformação social.

Logo, o estudo regular do chamado método dialético, aplicado à formação política e ideológica, deveria se constituir em objeto permanente das atividades de pesquisas da FNN. Como também se tinha a compreensão de que o emprego de uma sistemática de formação ideológica deveria constituir um método que articulasse a formação política com a formação ideológica no processo de formação do militante.

Nessa lógica formativa da FNN, a criação de uma sistemática de formação ideológica compreende o que foi chamado de *ambientação ideológica*. Essa ambientação ideológica seria constituída a partir de *cenários* – no quais deveriam entrar em jogo símbolos, músicas, histórias de heróis e mártires da luta revolucionária, galerias de retratos e gravuras, contatos pessoais com dirigentes e militantes políticos que se destacaram na luta revolucionária no Brasil e em outros países; além de práticas cotidianas de funcionamento que incorporassem a crítica e a autocrítica, a autodisciplina, o planejamento, a cobrança e a avaliação de tarefas democraticamente assumidas, etc.

Por seu turno, os cenários e as práticas cotidianas de funcionamento deveriam variar de acordo com os níveis da formação do militante, sendo necessário, portanto, na montagem da ambientação ideológica que as turmas de cada nível fossem iniciadas em meios próprios e adequadas ao seu desenvolvimento. Os recursos pedagógicos e as técnicas de direção e orientação da aprendizagem, empregadas em cada disciplina de cada nível, deveriam, também, estar relacionadas com a ambientação ideológica criada.

De acordo com as premissas da FNN, a ambientação ideológica construída deveria procurar estimular certas ideias, certos sentimentos e certas atitudes e comportamentos que iriam se contrapor ao individualismo exacerbado pela sociedade burguesa e ao autoritarismo das sociedades burocráticas. Se a formação procurasse estimular valores como o companheirismo, a confiança, a lealdade, a tolerância e a solidariedade, seria óbvio que esses valores

deveriam ser transformados em objetivos a serem atingidos traçando-se, para cada um, uma estratégia particular.

O segundo ponto desenvolvido pela FNN seria o estudo e o debate da *ética revolucionária* ou moral militante que constituiria, assim, uma das disciplinas dos cursos oferecidos pela FNN nos três primeiros níveis, a saber: a iniciação, o básico e o intermediário.

Outro aspecto importante levado adiante pela FNN era a busca de uma formação pluralista, crítica e criativa que para eles deveria corresponder ao método de estimular o questionamento, mesmo quando determinado conhecimento fosse elaborado por um grande teórico ou dirigente revolucionário e ainda que a vitória política deste ou daquele movimento tenha “confirmado” suas hipóteses.

Para a FNN, esse método essencialmente antidoutrinário visava impedir a apreensão de visões particulares sobre pontos polêmicos da teoria social como se fossem concepções universais, as únicas, as verdadeiras, as corretas. Correspondendo, assim, à concepção pluralista como pressuposto no projeto da FNN, que pudesse garantir aos formandos o acesso às diversas visões existentes sobre os temas curriculares sobre os quais existissem divergências importantes dentro do campo de trabalho escolhido.

Daí denota que, ao não trabalhar com a ideia de verdades absolutas, o método da FNN procurava estimular a criatividade na medida em que procurava colocar o formando na condição de um elaborador, no seu nível, de hipóteses sobre os diferentes aspectos da realidade social estudada.

De acordo com as diretrizes da FNN, o processo de coformação era a base do método da responsabilidade no processo de formação, que pressupunha um escalonamento e, simultaneamente, uma inter-relação entre os diferentes níveis de formação, de tal modo que pudessem possibilitar aos alunos que já haviam avançando, ao mesmo tempo em eram assistidos pelos monitores e orientadores, assistissem os alunos de nível inferior.

Outra preocupação que estava presente no desenvolvimento do trabalho de formação feito pelos membros da FNN dizia respeito à ideia de que o compromisso com a ação concreta de transformação deveria fundamentar o método de avaliação contínua da prática do militante, possibilitando a sua reelaboração à luz de novos conhecimentos – que seriam fornecidos pela ciência política – e de novos referenciais ideológicos.

De onde se depreende que o processo de avaliação da formação político-ideológica do militante deveria se basear na corresponsabilidade no ato de avaliar, na avaliação da globalidade do seu desempenho e não apenas do nível cognitivo que este havia alcançado. Assim sendo, no primeiro instante do pro-

Carlos Bauer

cesso avaliativo, referente à corresponsabilidade no ato de avaliar, cada formando receberia, juntamente com seu assistente, monitores e orientadores, a tarefa de participar da avaliação. Esta medida tinha o intuito de minimizar o risco de um julgamento parcial ou sem embasamento ao mesmo tempo em que deveria ampliar o espectro de opiniões, permitindo a democratização do processo avaliativo.

O segundo aspecto desse processo avaliativo, como se viu, é aquele que sustentava a necessidade de se considerar a globalidade do desempenho e não apenas o nível cognitivo. Assim, o respeito e a tolerância com os companheiros, a aceitação e o cumprimento de responsabilidades, o zelo pelo seu material e pelo dos companheiros, o preparo regular para qualquer solicitação, o pensamento independente e a originalidade, a capacidade de crítica e de autocrítica, a dedicação às tarefas exigidas, a cooperação e o companheirismo, a aplicação e a autodisciplina e a capacidade de aplicar princípios a situações novas, constituem itens que não poderiam deixar de ser considerados na avaliação da formação do militante político.

Finalmente, ainda havia um terceiro e último aspecto do processo avaliativo, qual seja: a avaliação permanente do desempenho, com a qual se buscava permitir ao militante a superação dos obstáculos detectados durante o curso.

Considerações finais

Apresentamos aqui alguns aspectos e princípios norteadores dos sistemas de cursos de formação política desenvolvidos, ao longo da segunda metade da década de 1980, pela Fundação Nativo da Natividade – FNN. Esses tinham, num primeiro momento, como principal objetivo refletir sobre as diferentes práticas sociais dos participantes, distinguir os diferentes níveis da participação política e os princípios da ética do militante, esboçar as categorias necessárias para a compreensão das noções de estrutura e conjuntura, apontar para a necessidade de unificação das lutas na perspectiva de uma ruptura revolucionária com o sistema capitalista e justificar a necessidade do estudo do socialismo aos seus participantes.

Muitos dos seus cursos eram destinados a militantes de base e direções intermediárias e com pouca experiência anterior de formação, tinham então como objetivos conhecer o modo de produção capitalista e seus mecanismos de exploração, distinguir as diferentes características do capitalismo, assim como suas relações com o Estado e a ideologia, conhecer as propostas gerais do socialismo e as principais concepções de revolução social, conhecer as principais experiências revolucionárias, inclusive as orientais e latino-americanas, discutir os movimentos sociais e políticos contemporâneos e debater os princípios de uma ética revolucionária.

Também estavam presentes as preocupações com a formação sindical básica do militante, que lhe possibilitaria o conhecimento do sindicalismo e de suas relações com os movimentos populares e os partidos políticos, além de ter como objetivo central despertar o interesse de militantes e dirigentes do movimento sindical pela formação política mais sistemática.

Nos cursos de formação política da FNN, os temas tratados como fundamentais diziam respeito ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil, a história das lutas e das organizações populares e revolucionárias, a análise de estrutura e de conjuntura, a estratégia e a tática, a ideologia e a propaganda e que poderiam ser discutidos com os militantes que já possuíssem uma formação política básica.

Além do que e, principalmente, estavam presentes entre as preocupações da FNN o treinamento de monitores que pudessem assumir, gradativamente, as responsabilidades com a formação política dos militantes e cursos de longa duração destinados aos dirigentes políticos com formação teórica, tendo como objetivo o conhecimento da história do marxismo e o debate das diferentes concepções de partido e de transformação social.

Ao recuperarmos, como parte da história da educação brasileira, alguns aspectos e princípios da Fundação Nativo da Natividade, queremos apontar um momento particular e importante da estratégia pedagógica socialista no interior da sociedade burguesa, a disputa pela hegemonia como a essência da relação pedagógica (GRAMSCI, 1995), como estamos cientes de que esse tipo de práxis e perspectivas políticas não atende aos interesses das classes dominantes, para as quais essas experiências precisam ser obscurecidas e quando não completamente esquecidas, pois as mesmas identificam as raízes da educação e do pensamento socialista e, ao mesmo tempo, a possibilidade de se efetivar projetos pedagógicos revolucionários compromissados com supressão da alienação do homem.

Referências

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, 1995.

LOMBARDI, J. C. **Marxismo e história da educação**: algumas reflexões sobre a historiografia educacional brasileira recente. Tese (Doutorado em História da Educação), Faculdade de Educação (FE), Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1993.

MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PEREIRA, E. T. **Formar à esquerda – processos de educação política no PT e na CUT**: um estudo sobre a Fundação Nativo Natividade. São Paulo: Terras do Sonhar & Edições Pulsar, 2006.

Carlos Bauer

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Autores Associados & Cortez, 1981.

SAVIANI, D. Gramsci na educação brasileira. In: RAGAZZINI, D. **Teoria da personalidade na sociedade de massa**: a contribuição de Gramsci. Campinas: Autores Associados, 2005.

Correspondência

Carlos Bauer – Rua Sicília, n. 38 – Fazenda da Ilha, CEP. 06900-000 – Embu-Guaçu, São Paulo, Brasil.

E-mail: carlosbauer@pesquisador.cnpq.br – carlosbauer@pq.cnpq.br

Recebido em 14 de julho de 2010

Aprovado em 17 fevereiro de 2011